

# A violência como regra: intolerância e paranoia no mundo administrado

Violence as a rule: intolerance and paranoia in the administered world

Tiago Carvalho Lombardi Tosta <sup>†\*</sup>, Cristiane Souza Borzuk <sup>‡</sup>

**Como citar esse artigo.** TOSTA, T.C.L.; BORZUK, C.S. A violência como regra: intolerância e paranoia no mundo administrado. *Revista Mosaico*, v.12, n.1, p. 53-59, 2021.

## Resumo

O objetivo deste texto é analisar as determinações sociais e subjetivas que tornam as diferenças interpessoais ameaçadoras para os indivíduos, produzindo nestes o ódio e a intolerância. Investigou-se os entrelaçamentos entre indivíduo e sociedade que favorecem o surgimento de comportamentos intolerantes, tornando-os uma espécie de regra dentro da vida social regida pelo capitalismo administrado. Com a realização deste estudo foi possível verificar que há uma tendência inerente às sociedades administradas a promover o modo de funcionamento psíquico paranoico em seus indivíduos, resultando em uma lógica de violência e intolerância como um mecanismo para a manutenção da própria coerência interna. Ao tornar-se um “existencial social”, a paranoia deixa de ser uma categoria exclusivamente clínica para se tornar um modelo de administração da sociedade, produzindo e reproduzindo nas subjetividades as suas características fundamentais. O referencial teórico e metodológico é a Teoria Crítica da Sociedade.

**Palavras-chave:** Intolerância. Paranoia. Violência. Indivíduo. Sociedade.

**Nota da Editora.** Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

## Abstract

This text aims to analyze the social and subjective determinations that make interpersonal differences threatening to individuals, producing hatred and intolerance in them. It was investigated the intertwining between individual and society, which favored the emergence of intolerant behaviors that make them a kind of rule within the social life ruled by administered capitalism. Through the accomplishment of this study it was possible to verify that there is an inherent tendency in the administered societies which might promote the paranoid psychic functioning in their individuals, resulting in certain logic of violence and intolerance as a mechanism for maintaining their own internal coherence. By becoming a “social existential”, paranoia ceases to be an exclusively clinical category to become a model for the administration of the society, producing and reproducing in its subjectivities its fundamental characteristics. The theoretical and methodological framework is the Critical Theory of Society.

**Keywords:** Intolerance. Paranoia. Violence. Individual. Society.

## Introdução

Nos últimos anos tem sido observado no Brasil um acirramento nas formas de expressão do pensamento político dos indivíduos (BELLO, 2019). A polarização é prenhe de consequências para a sociedade, pois “coloca a democracia em estágio disfuncional” (BELLO, 2019, p.181). Encontrar nas extremidades uma significativa parcela da população diz respeito a momentos históricos delicados, em que há uma “onda crescente de conflitos entre cidadãos e políticos e do discurso de intolerância” (BELLO, 2019, p.181). A polarização impossibilita o diálogo entre as formas plurais de se compreender o mundo e os fenômenos inerentes a ele, o que enseja as manifestações de ódio e intolerância entre as partes diferentes.

A intolerância, causada pela ausência de pensamento reflexivo, é um dos problemas que Adorno e Horkheimer analisam em “Elementos do antissemitismo: limites do esclarecimento”<sup>1</sup>, ensaio publicado em a “Dialética do esclarecimento” (2006). Este ensaio trata, segundo Adorno e Horkheimer, do retorno efetivo da civilização à barbárie, por isso esboçam “uma pré-história filosófica do antissemitismo” (2006, p. 15).

Apesar de tratar mais diretamente do antissemitismo, podemos estender os mesmos processos analisados pelos autores, que culminaram no ódio aos judeus, a outros tipos de violência, discriminação e marginalização social. Segundo Cohn, “O problema do texto não se limita ao antissemitismo [...] mas envolve a sua incorporação num processo mais amplo, em que desaparece como ódio específico aos judeus para integrar novas formas de ofuscação” (1998, p. 8). Adorno e

Afiliação dos autores

<sup>†</sup> Acadêmico de Psicologia. Bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica. Universidade Federal de Goiás, Goiás, Brasil.

<sup>‡</sup> Pós doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo, Curso de Psicologia, Universidade Federal de Goiás, Goiás, Brasil.

\* Email de correspondência: cristianeborzuk@gmail.com

Horkheimer deixam isso claro quando escrevem que as vítimas de tal violência “são intercambiáveis segundo a conjuntura” (2006, p. 142), podendo, então, assumir, dependendo do contexto histórico, forma muito diferente da dos judeus.

Isto posto, este trabalho tem a intenção de investigar os entrelaçamentos entre indivíduo e sociedade que favorecem o surgimento de comportamentos intolerantes como uma espécie de regra dentro da vida social regida pelo capitalismo administrado. Partimos da hipótese de que, em virtude das disposições sociais do contexto em que vivemos, os indivíduos passam por um processo de estruturação psíquica que resulta no modo de funcionamento paranoico, enxergando as diferenças como ameaça à sua própria integridade psicológica. O referencial teórico e metodológico é a Teoria Crítica da Sociedade.

## A projeção consciente e a consciência de si

Para Adorno e Horkheimer, “Em certo sentido, perceber é projetar” (2006, p. 154). A percepção não se dá de maneira passiva, como simples recepção dos estímulos e impressões do mundo. Ela exige daquele que percebe um posicionamento ativo. A percepção é um ato. Portanto, diante da recepção dos estímulos do mundo, para perceber, de fato, há de se ter uma colocação de si como sujeito neste processo.

Para os autores, desde os tempos imemoriais, a percepção se daria como a devolução projetiva para o mundo exterior das impressões que os sentidos dele recebem, constituindo “um mecanismo para fins de proteção e obtenção de comida, o prolongamento da combatividade com que as espécies animais superiores reagem ao movimento, com prazer ou desprazer e independente da intenção do objeto” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 154).

Neste ponto, a percepção é um mecanismo adaptativo, um mecanismo que visa assegurar os meios de existência daquele que percebe. Segundo Adorno e Horkheimer, “A projeção está automatizada nos homens, assim como as outras funções de ataque e proteção, que se tornaram reflexos” (2006, p. 155). Projetando, o sujeito se antecipa frente aos objetos que o marcaram anteriormente, e faz deduções sobre aqueles que ainda não.

Através da memória que seus sentidos inauguram, ele constrói “o sistema das coisas, a ordem fixa do universo” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 155). De acordo com os autores, esse ordenamento das impressões recebidas é o “produto inconsciente do instrumento que o animal usa na luta pela vida, isto é, daquela projeção espontânea” (2006, p. 155). Porém, a projeção espontânea diz respeito a um modo

ainda primitivo de percepção. Com o progressivo desenvolvimento histórico da cultura, das relações humanas, da razão, o mecanismo de projeção teve que se refinar. Assim,

Na sociedade humana [...] na qual tanto a vida intelectual quanto a vida afetiva se diferenciam com a formação do indivíduo, o indivíduo precisa de um controle crescente da projeção; ele tem de aprender ao mesmo tempo a aprimorá-la e a inibi-la. Aprendendo a distinguir, compelido por motivos econômicos, entre pensamentos e sentimentos próprios e alheios, surge a distinção do exterior e do interior, a possibilidade de distanciamento e identificação, a consciência de si e a consciência moral (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 155).

A distinção bem delineada entre mundo interior e mundo exterior, é o que faz com que o indivíduo tenha a consciência de si mesmo e, logo, consciência do que não se refere a si. Diferenciação essencial entre o eu e o outro. Essa divisão faz com que ele compreenda como possibilidade inerente a esse mundo aquilo que é do outro, a alteridade.

Adorno e Horkheimer afirmam que o mundo da percepção é explicado “como a imagem refletida e dirigida pelo intelecto dos dados que o cérebro recebe dos objetos reais” (2006, p. 155), cabendo ao entendimento a ordenação e organização desses dados em conceitos e juízos. Essa sistematização das impressões, que vai se delineando no entendimento a partir da experiência do indivíduo com o mundo, constitui-se pelo histórico de suas relações com os objetos e pelo seu esforço de tentar compreendê-los.

Assim, para Adorno e Horkheimer “O sujeito recria o mundo fora dele a partir dos vestígios que o mundo deixa em seus sentidos” (2006, p. 155). Consequentemente, no movimento de percepção do mundo e das relações que mantém com os objetos, o sujeito constitui “retroativamente o ego<sup>2</sup>, aprendendo a conferir uma unidade sintética, não apenas às impressões externas, mas também às impressões internas que se separam pouco a pouco daquelas” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 155). A partir disso, Adorno e Horkheimer afirmam: o ego “só é o que o mundo-objeto é para ele. A profundidade interna do sujeito não consiste em nada mais senão a delicadeza e a riqueza do mundo da percepção externa” (2006, p. 156).

O indivíduo, portanto, constrói-se a partir das relações que mantém com o mundo. Dentro dessas relações, a experiência com o diverso, com o que não se limita ao idêntico, faz surgir o potencial de separação entre o que é subjetivo e o que diz respeito à objetividade, potencial que culmina na autoconsciência do indivíduo, na percepção de si, na delimitação do que é seu e do que é do outro. Com isso, torna-se possível a conciliação com a alteridade.

Portanto, a projeção que considera o entrelaçamento e a oposição entre o subjetivo e o objetivo,

é ação consciente de si mesma. No mecanismo dessa projeção, “o dado sensorial vazio leva o pensamento a toda a produtividade de que é capaz” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 156). Para os autores,

Não é na certeza não afetada pelo pensamento, nem na unidade pré-conceitual da percepção e do objeto, mas em sua oposição refletida, que se mostra a possibilidade da reconciliação. A distinção ocorre no sujeito que tem o mundo exterior na própria consciência e, no entanto, o conhece como outro. É por isso que esse refletir, que é a vida da razão, se efetua como projeção consciente (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 156).

Na projeção consciente, em que “o pensamento se abandona sem reservas à impressão que o sobrepuja” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 156), o sujeito sabe a distinção entre a sua percepção e o objeto perceptível. Ele está consciente de seu ato de projetar e, portanto, entende que sua percepção é limitada por sua relação subjetiva com o mundo objetivo.

No entanto, na contramão desse processo, que culmina na compreensão das diferenças, existe outro que leva à falsa projeção e, portanto, à intolerância.

## A falsa projeção e a estrutura paranoica

O indivíduo contemporâneo se encontra sob condições sociais que dificultam a projeção consciente. Em sua etapa monopolista, o modo de produção capitalista torna as subjetividades pobres em experiências através da padronização que promove das formas de ser e estar no mundo. Ao ser tragado pelo sempre idêntico, o indivíduo encontra dificuldades para diferenciar-se, nem sempre conseguindo separar de si mesmo aquilo que é por ele percebido. Isso leva a um comportamento projetivo que Adorno e Horkheimer adjetivam como patológico, caracterizado, principalmente, pela ausência de reflexão: “Não conseguindo mais devolver ao objeto o que dele recebeu, o sujeito não se torna mais rico, porém, mais pobre. Ele perde a reflexão nas duas direções: como não reflete mais o objeto, ele não reflete mais sobre si e perde assim a capacidade de diferenciar” (2006, p. 156).

Não sendo capaz de refletir sobre a sua própria percepção, o indivíduo possui um eu petrificado que o impossibilita de realizar a oposição necessária entre o que é objetivo e o que é subjetivo. O mundo e ele mesmo tornam-se um só, conjugando-se em um amálgama em que uma das instâncias prevalecerá sobre a outra: o eu, agente da percepção, subjugará os objetos exteriores, dotando “ilimitadamente o mundo exterior de tudo aquilo que está nele mesmo” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 156).

Adorno e Horkheimer afirmam que para esses indivíduos o mundo “é uma simples ocasião de seu delírio” (2006, p. 156). Assim, identificando neles um

modo de funcionamento patológico, os frankfurtianos os reconhecem como paranoicos.

O paranoico, dentro de um sistema que se apresenta como o “ciclo fechado do que é eternamente idêntico [...] cria o mundo todo segundo a sua imagem” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 157). O interior é projetado imediatamente para fora. Os próprios impulsos e desejos conformam os horizontes da objetividade.

Na medida em que o paranoico só percebe o mundo exterior da maneira como ele corresponde a seus fins cegos, ele só consegue repetir o seu eu alienado numa mania abstrata [...] Sua vontade penetra o todo, nada pode deixar de ter relação com ele. Seus sistemas não têm lacunas (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 157).

Para Freud (2010), a paranoia assenta-se em uma fixação no narcisismo. Para ele, o ponto fraco no desenvolvimento da psicosssexualidade do paranoico, em que se acha a predisposição para a sua doença, “deve estar no trecho entre autoerotismo, narcisismo e homossexualidade” (2010a, p. 83). Na fase do narcisismo primário,

[...] o indivíduo em desenvolvimento, que unificou seus instintos sexuais que agem de forma autoerótica, a fim de obter um objeto de amor, primeiramente toma a si mesmo, a seu próprio corpo, como objeto de amor, antes de passar à escolha de uma outra pessoa como objeto (FREUD, 2010a, p. 81).

Nesta fase “o Eu se acha investido instintualmente, e em parte é capaz de satisfazer seus instintos em si mesmo” (FREUD, 2010b, p. 74). Em sua autossuficiência, o eu parece indiferente ao mundo que o circunda e suas intenções sempre se voltam para a sua satisfação. Nessa busca, o eu funda a divisão entre mundo interior e mundo exterior segundo a polaridade prazer-desprazer. Para Freud (2010b), o eu, nesse momento, ao se relacionar com o ambiente externo, introjeta como constituinte de si mesmo os objetos do mundo que lhe proporcionam prazer; ao contrário, o eu extrojeta o que em seu interior ele sente como desprazer. Tais objetos desprazerosos são odiados e vistos como uma ameaça que vem do exterior: “esse ódio pode então se exacerbar em propensão a agredir o objeto, em intenção de aniquilá-lo” (FREUD, 2010b, p. 76).

A partir desse Eu-de-prazer, que se forma nos estágios iniciais da vida, desenvolve-se o Eu-realidade definitivo. O eu, que inicialmente introjeta tudo que é bom e exclui tudo que é mau, cria em si representações do mundo que passam a constituir sua interioridade, porém, para o amadurecimento do Eu-realidade, que precisa estabelecer relações com o mundo exterior, as representações incorporadas precisam ser validadas pela realidade, “de modo que seja possível apossar-se dela[s] em caso de necessidade” (FREUD, 2011a, p. 279). Nesse processo, vemos o mundo interior legitimando-se a partir do mundo exterior, sendo o exterior o modelo

ao qual o interior se conforma.

Contudo, o paranoico conduz esse processo invertendo seus termos. As representações não vão ao encontro da realidade para se ratificarem, elas tornam-se, de imediato, a realidade. Isso demonstra que o estágio inicial do narcisismo não foi superado, que o Eu-de-prazer se mantém. Assim, os processos internos que são conflituosos para o indivíduo, que lhe causam desprazer, continuam sendo projetados para fora.

Reich ilustra isso ao analisar a irracionalidade da teoria das raças adotada por movimentos fascistas como o nazismo. Para ele, a teoria das raças “só é concebível e aceitável por cérebros decadentes [...] que, em vez de partir de realidades para juízos de valor, parte de juízos de valor para chegar à deformação da realidade”. (2001, p. 72). Para ele, “não é com argumentos que podemos lidar com um fascista que está narcisisticamente convicto da superioridade suprema do seu teutonismo, pelo simples motivo de que ele não trabalha com argumentos, mas sim com sentimentos irracionais” (2001, p. 72).

Desse modo, a projeção do indivíduo paranoico, pautando-se em sentimentos irracionais e não refletindo sobre si mesma, é considerada patológica. Apoiados na teoria psicanalítica, Adorno e Horkheimer afirmam que tal projeção “consiste substancialmente na transferência para o objeto dos impulsos socialmente condenados do sujeito” (2006, p. 158). Assim, as tendências do indivíduo que não se coadunam com a moral da cultura sob a qual ele vive, são projetadas para o mundo exterior e passam a ser percebidas de fora – pois elas são ameaçadoras para a coerência de seu aparelho psíquico.

Na projeção patológica, “Uma percepção interna é suprimida e, em substituição, seu conteúdo vem à consciência, após sofrer deformação, como percepção de fora” (FREUD, 2010a, p. 88). O indivíduo separa de si aquilo que não consegue aceitar como seu e o expulsa para o exterior. Ao enxergar esse elemento no mundo externo, adota uma postura hostil em relação a ele, pois assim, enxergando-o de fora, ele tem, num movimento inconsciente, a possibilidade de combatê-lo.

De acordo com as descobertas clínicas de Freud, o mecanismo paranoico, utilizando-se da projeção, busca defender-se da sexualização de seus investimentos instintuais sociais. Freud afirma que “Uma vez alcançada a escolha heterossexual de objeto, as tendências homossexuais não são abolidas ou suspensas, mas apenas desviadas da meta sexual e dirigidas para novas aplicações” (2010a, p. 82). Esse desvio ocorre por meio da sublimação dos instintos homossexuais, que, inibidos em sua meta, passam a constituir os instintos sociais, “representando assim a contribuição do erotismo à amizade, à camaradagem, ao sentido comunitário e ao amor pelos seres humanos em geral” (FREUD, 2010a, p. 82).

O paranoico, portanto, busca defender-se da desintegração desses investimentos cuja meta sexual

encontra-se inibida. Sobre isso, Freud afirma:

Pessoas que não se desprenderam inteiramente do estágio do narcisismo, ou seja, que tem ali uma fixação que pode atuar como predisposição à doença, acham-se expostas ao perigo de que um grande fluxo de libido, não encontrando outro escoamento, submetam os seus instintos sociais à sexualização, fazendo assim recuar as sublimações conquistadas no curso do desenvolvimento (FREUD, 2010a, p. 82).

Logo, as tendências homossexuais, inibidas e sublimadas, tendem, no paranoico, a regredir ao seu estado não inibido, fazendo ocorrer a sexualização dos seus instintos que foram investidos socialmente. No estágio do narcisismo não há metas inibidas. O eu, nesse estágio, anseia pelo próprio prazer, sem fazer restrições quanto às fontes que lhe podem proporcioná-lo.

Assim, segundo Adorno e Horkheimer, o feixe de impulsos que o paranoico condena em si mesmo e projeta patologicamente no outro, transformando-o em agressão, “é, na maioria das vezes, de natureza homossexual” (2006, p. 158). Desse modo, “Sob a pressão homossexual represada, o mecanismo psíquico esquece sua mais recente conquista filogenética, a percepção de si, e enxerga essa agressão como um inimigo no mundo para melhor enfrentá-lo” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 159)

## A produção social de subjetividades narcísicas

Adorno e Horkheimer afirmam que o indivíduo se forma “à imagem e semelhança do poder invisível” (2006, p. 22). Portanto, aquilo que nele poderia ser considerado em sua individualidade, não idêntico ao todo, é extirpado pelos processos sociais que atuam nas construções subjetivas. Isso ocorre porque os indivíduos estão inseridos no que os frankfurtianos denominam de mundo administrado. Segundo Adorno (2008, p. 176), o mundo administrado se define como um sistema de organização “totalmente abrangente, sem buracos, onde o indivíduo possa ‘esconder-se’ em face das exigências e testes constantes de uma sociedade governada por uma configuração hierárquica orientada para os negócios”. Consequentemente, para o indivíduo que se encontra no interior do mundo administrado, “O que seria diferente é igualado. Esse é o veredicto que estabelece criticamente os limites da experiência possível” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 23).

Compreendendo as formações subjetivas como formações socialmente padronizadas pelo modo de produção capitalista, Marcuse afirma que os desejos do indivíduo e a sua capacidade de transformação da realidade deixam de pertencer a ele mesmo, passando “a ser ‘organizados’ pela sua sociedade” (1968, p. 36). Marcuse busca compreender essa organização social dos desejos e ações individuais apoiando-se na teoria

psicanalítica, o que se justifica através da afirmação de que “Freud descobriu, na dimensão profunda das pulsões e das satisfações pulsionais, os mecanismos de controle social e político” (1998, p. 91).

Porém, para Marcuse o modelo freudiano de funcionamento psíquico sofreu transformações<sup>3</sup> em virtude das próprias mudanças ocorridas no modo de produção. Para ele, “O desenvolvimento da sociedade atual substituiu o modelo freudiano por um átomo social cuja estrutura psíquica já não apresenta as qualidades atribuídas por Freud ao objeto psicanalítico” (1998, p. 91). O indivíduo freudiano, pautado no conflito essencial entre o desejo e as imposições sociais, sucumbe no capitalismo administrado; cedendo espaço, como veremos, ao surgimento de condições de estruturação subjetiva cujos contornos são muito mais favoráveis à fixação no narcisismo.

O modelo freudiano apontava a instituição familiar como o primeiro reduto essencial na formação individual. “Segundo Freud, o conflito funesto entre indivíduo e a sociedade é vivido e decidido em primeiro lugar e sobretudo na confrontação com o pai” (MARCUSE, 1998, p.93). O pai é a principal autoridade formadora do eu: como agente frustrador da criança, impõe o princípio de realidade sobre os seus desejos. Assim, “seu ego desenvolve-se em primeiro lugar na esfera e no refúgio do privado: ele torna-se um eu (*Selbst*) com o outro, mas também contra ele” (MARCUSE, 1998, p. 93, grifo do autor). No entanto, com o desenvolvimento do capitalismo administrado, tal modelo torna-se obsoleto:

[...] essa situação, em que ego e superego se formavam na luta com o pai como representante paradigmático do princípio de realidade, é uma situação histórica: ela deixou de existir com as transformações da sociedade industrial que se produziu no período do entreguerras. Enumero alguns fatos conhecidos: passagem da concorrência livre à concorrência organizada, concentração do poder nas mãos de uma administração técnica, cultural e política onipresente, produção e consumo de massa que se expandem automaticamente, sujeição de dimensões outrora privadas e anti-sociais da existência ao adestramento, manipulação e controle metódicos (MARCUSE, 1998, p. 94).

Com essas transformações surge uma nova forma de subjetivação. A estrutura psíquica não mais nasce do conflito entre a criança e seu pai, entre o indivíduo e as imposições sociais, ela passa a ser “produzida e reproduzida pela sociedade” (MARCUSE, 1998, p. 95). Desse modo, a instituição familiar perde a sua força como agente da socialização psíquica, “uma vez que a sociedade dirige diretamente, através dos *mass media* [...], o ego que está se constituindo” (MARCUSE, 1998, p. 94).

Segundo Marcuse, nessa sociedade sem pai, a autoridade formadora do eu se encarna no aparato de produção dominante, que “compreende as instalações

materiais de produção e distribuição como um todo, a técnica, a tecnologia e a ciência utilizadas nesse processo, assim como a divisão de trabalho que mantém e acelera o movimento do processo” (1998, p. 102). Nesse sistema, o ideal do ego universal, representado pelo aparato, impõe-se: “ele se ‘encarna’ em leis bem sólidas, que movem o aparato e determinam o comportamento do objeto, tanto material quanto humano; o código técnico, o código moral e o da produtividade lucrativa fundem-se num todo efetivo” (MARCUSE, 1998, p. 103).

Não sendo defrontado em seu desejo por uma autoridade como o era pelo pai, o ego não encontra resistências que se oponham firmemente à sua satisfação. Desenvolvendo-se “sem muita luta”, o ego pode manter-se sob os auspícios do princípio do prazer e, portanto, encontrar dificuldades em superar o narcisismo primário, o que enseja as condições necessárias para a formação de uma estrutura psíquica paranoica. Assim, obedientes ao sistema e destituído de seu poder de negação, o ego se empobrece. Segundo Marcuse (1998, p. 97), nos domínios avançados da sociedade industrial, “A atrofia do ego, sua resistência reduzida aos outros manifestam-se na maneira com que permanentemente fica disponível para soluções que lhe são impostas de fora”. Dessa maneira,

[...] o ego se esgota no esforço ‘para encontrar a identidade’, frequentemente ao preço de doenças psíquicas e afetivas que levam ao tratamento psicológico, ou se submete de boa vontade aos modos de comportamento e de pensamento exigidos, alinhando seu eu sobre o dos outros (MARCUSE, 1998, p. 99).

Os processos sociais que tornam o ego empobrecido reduzem seu mundo ao permanentemente idêntico, abrindo espaço para a hostilidade ao que se apresenta como alteridade, pois esta, sendo inassimilável, ameaça a coerência de seus escassos elementos internos.

Adorno e Horkheimer, em conformidade com as ideias de Marcuse, afirmam que os indivíduos sofrem a expropriação dos elementos pulsionais e econômicos de sua psicologia pela sociedade. O indivíduo é subsumido nos protocolos objetivos e suas decisões não perpassam pelo que tem de subjetividade: “A decisão que deve tomar em cada situação não precisa mais resultar de uma dolorosa dialética interna da consciência moral, da autopreservação, e das pulsões” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 167).

O mecanismo que destitui o indivíduo de sua possível individualidade faz também naufragar “essa autorreflexão que se opõe à paranoia” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 163). Em uma sociedade em que a cultura transformou-se em mercadoria e o pensamento em um instrumento de trabalho mecânico, a semicultura, que forma indivíduos expropriados de sua dimensão psicológica, “recorre estereotipadamente à fórmula que lhe convém melhor em cada caso” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 161). Assim,

os indivíduos passam a pensar o mundo segundo estereótipos. Adorno e Horkheimer denominam isso de mentalidade do *ticket*<sup>4</sup> – uma mentalidade que é “produto da industrialização e de sua propaganda” (2006, p. 168).

Segundo Adorno e Horkheimer (2006, p. 165), quando o *ticket* é aceito pelas massas, elas não levam em consideração a própria experiência com o mundo. Assim, como exemplo dos autores, o elemento antisemita de um *ticket* reacionário, quando aceito, torna irrelevante a relação que cada um pode ou não ter tido com os judeus. Adorno e Horkheimer afirmam que “os indivíduos recebem do poder os seus *tickets* já prontos [...] O senso de realidade, a adaptação ao poder, não é mais resultado de um processo dialético entre o sujeito e a realidade, mas é imediatamente produzido pela engrenagem da indústria” (2006, p. 169). A experiência pessoal de cada um deixa de ter relevância para o próprio juízo; o indivíduo toma a imagem propagada pelo *ticket* como o real, sem qualquer tipo de ponderação.

A paranoia se dá como o paroxismo dessa petrificação da realidade em uma aparência que favorece a dominação social. A realidade produzida não abre espaço para os fenômenos que não se adequam à unidade sintética da razão instrumental, de conceitos rígidos e sempre idênticos a si mesmos, pela qual o indivíduo passa a conceber o seu mundo exterior. Na concepção de Adorno e Horkheimer, “A excessiva coerência paranoica, esse mau infinito que é o juízo sempre igual, é uma falta de coerência do pensamento” (2006, p. 160).

A administração social de todas as dimensões da vida psicológica do indivíduo faz com que ele seja excluído “do espírito e da experiência” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 161). Quando a mentalidade do *ticket* subjuga o seu pensamento a uma visão estereotipada das coisas, a sua capacidade de discernimento torna-se obsoleta. O pensamento unidimensional, que não experimenta a pluralidade do mundo, torna-se incapaz de conceber e conciliar fenômenos não compatíveis com o seu parco sistema de entendimento. Assim, aqueles que se submetem ao *ticket* se transformam, necessariamente, em inimigos da diferença: “A raiva feroz pela diferença é teleologicamente imanente a essa mentalidade” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 171).

Sem poder discernir por si mesmo os fenômenos do mundo externo e, então, concluir por si os seus valores e as suas qualidades, o indivíduo fica a mercê de uma compreensão que lhe é imposta de fora. O seu entendimento, portanto, é limitado aos aspectos que atendem a racionalidade que opera o funcionamento do modo de produção dominante, modo de produção que, para sua maior eficácia, passa também a produzir subjetividades que atendam as suas próprias necessidades de manutenção. Considerando isso, Adorno e Horkheimer afirmam que “A paranoia

não persegue mais seu objetivo com base na história clínica individual do perseguidor; tendo se tornado um existencial social, ela deve antes se inserir no contexto ofuscador das guerras e das conjunturas” (2006, p. 170).

## Considerações finais

Sociedade e indivíduo constituem-se reciprocamente. Compreendendo isso, Freud afirma que “Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e portanto a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social” (2011b, p. 14).

Desse modo, tendo em vista a sociedade capitalista administrada e sua racionalidade instrumental, “A lógica socialmente irracional torna-se também individualmente irracional. Nessa medida, as neuroses deveriam, de fato, segundo sua forma, ser deduzidas de uma sociedade em que elas não podem ser eliminadas” (ADORNO, 2015, p. 90). As patologias do indivíduo são determinadas, em grande parte, pelo modo de funcionamento do meio em que vivem, como se a gestão social fosse ela mesma patológica e, conseqüentemente, patologizante. Assim, Adorno afirma que “Pode-se muito bem construir certos tipos de doenças psíquicas segundo o modelo de uma sociedade doente” (2015, p. 85).

O indivíduo, empobrecido em experiências, encontra-se num estado em que sua percepção de mundo não vai além daquilo que é o imediatamente dado. A capacidade para a recusa é solapada pela dominação social que o aparelho econômico exerce sobre as consciências, ofuscando a capacidade de percepção de si, do outro, do mundo em que habita. E nessa sociedade em que a racionalidade dominante visa a unidade, o autoidêntico, o indivíduo só lidará com uma experiência cuja perspectiva é sempre única, sem haver espaço para a contradição.

Assim, o indivíduo perde em sua percepção a capacidade de projetar de maneira consciente. Se tudo é idêntico a tudo, se todas as coisas estão amparadas pela mesma lógica ordenadora, se o pensamento é tomado, tanto quanto os objetos, por instrumento funcional do cálculo e da utilidade, e se a subjetividade é formada a partir desses processos sociais, o indivíduo encontra grandes barreiras que dificultam a sua diferenciação dos objetos do mundo. O pensamento é mera coisa como as coisas do mundo exterior o são.

Logo, o indivíduo intolerante apresenta um modo de funcionamento paranoico, pois projeta imediatamente para fora aquilo que está nele mesmo, constituindo o mundo segundo a sua própria imagem. Deste modo, torna-se impossível a compreensão e a aceitação da alteridade e o respeito pelas diferenças. O paranoico estranha a diferença, sente-se ameaçado perante ela,

pois o que aparece como diferente coloca em risco a frágil coerência interna do sujeito. Sua incapacidade de entendê-la e aceitá-la reflete a insuficiência de sua percepção e, portanto, de seu pensamento. Sem conhecer outra maneira que lhe ajude a lidar com o fenômeno estranhado, sobra a mais primitiva das reações: a violência destrutiva. O diferente apresenta o contraditório e entra em conflito com a fragilidade de uma estrutura que tem a pretensão absoluta de um sistema unitário de entendimento. A diferença coloca em questão congruência subjetiva do indivíduo que, na busca desesperada para manter a própria coesão, responde com a violência de seus impulsos destrutivos. A sua violência, portanto, é um mecanismo de defesa. O intolerante busca eliminar o diferente para manter a própria integridade.

Em suma, a sociedade promove por si mesma o modo de funcionamento paranoico em seus indivíduos. Ao se tornar um “existencial social”, a paranoia deixa de ser uma categoria exclusivamente clínica para se tornar um modelo de administração da sociedade, produzindo e reproduzindo nas subjetividades as características fundamentais para a sua existência. A violência é um produto imanente dessa ordem social dominante. Ao dar vida a indivíduos frágeis, submissos e incapazes de um pensamento reflexivo, ela faz morrer neles as possibilidades de consciência moral e autoconsciência. Desumanizando-os, a sociedade enseja neles o ódio que os leva ao desejo de aniquilação de toda e qualquer diferença.

## Nota

1. O estudo “Elementos do antissemitismo: limites do esclarecimento” é dividido em sete teses (elementos). É importante frisar, o que os autores deixam claro no prefácio da obra, que as três primeiras teses tiveram a contribuição de Leo Löwenthal, companheiro de trabalho do Instituto para Pesquisa Social.
2. Devido às diferentes traduções das obras consultadas para a pesquisa, a instância psíquica freudiana denominada como ego, também será referida como eu. Em ambos os casos, deve-se entendê-los como o mesmo, estejam eles com a letra inicial maiúscula ou minúscula.
3. É importante frisar que Marcuse entende que a psicanálise, como campo teórico de investigação do indivíduo, acompanha-o nas transformações históricas de seu funcionamento psicológico.
4. A expressão ticket faz referência à lista de candidatos de um partido político que havia na Alemanha. Sobre o ticket os autores escrevem: “A psicologia antissemita foi, em grande parte, substituída por um simples ‘sim’ dado ao ticket fascista [...] Do mesmo modo que a máquina do partido de massas impõe aos eleitores, com as listas de candidatos, os nomes de pessoas de quem não têm o menor conhecimento e que só podem eleger em bloco, assim também os pontos ideológicos centrais estão codificados em poucas listas. É preciso optar em bloco por uma delas, se não se quiser ter a impressão de que a opinião pessoal é tão inócua como os votos dispersos em comparação com as enormes cifras estatísticas” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 165).

## Referências

ADORNO, T.W. As estrelas descem à terra: a coluna de astrologia do Los Angeles Times: um estudo sobre superstição secundária. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

ADORNO, T.W. Sobre a relação entre sociologia e psicologia. In: ADORNO, T.W. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: Editora UNESP, 2015, p. 71-136.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BELLO, André. **Origem, causas e consequências da polarização política**. 2019. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

COHN, Gabriel. Esclarecimento e ofuscação: Adorno & Horkheimer hoje. **Lua Nova**, n.43, p. 5-24, 1998.

FREUD, S. A negação (1925). In: FREUD, S. **Obras completas, vol. 16**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a, p. 275-282.

\_\_\_\_\_. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia Paranoides) relatado em autobiografia (“O Caso Schreber”, 1911). In: FREUD, S. **Obras completas, vol. 10**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a, p. 13-107.

\_\_\_\_\_. Os instintos e seus destinos (1915). In: FREUD, S. **Obras completas, vol. 12**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b, p. 51-81.

\_\_\_\_\_. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: FREUD, S. **Obras completas, vol. 15**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b, p. 13-113.

\_\_\_\_\_. Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade (1922). In: FREUD, S. **Obras completas, vol. 15**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011d, p. 209-224.

MARCUSE, H. A obsolescência da psicanálise. In: MARCUSE, H. **Cultura e sociedade (Vol.2)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 91-111.

\_\_\_\_\_. **Eros e civilização**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

REICH, W. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001